



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Indecisão e Escolha Vocacional - Um estudo com
alunos do 9º ano de escolaridade**

Graça Isabel Matos Simões (e-mail: gracajegundo@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação do Professor Doutor Joaquim
Armando Gomes Alves Ferreira

Indecisão Vocacional – *um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade*

A indecisão vocacional é perspectivada, muitas vezes, como o resultado de interferências negativas entre fatores familiares e de desenvolvimento pessoal. No presente estudo procura-se analisar empiricamente as relações existentes entre ansiedade, a autoestima, identidade vocacional e a certeza vocacional, que funcionariam como preditores da indecisão vocacional num processo de escolha vocacional. Neste estudo procedeu-se a uma análise crítica das abordagens teóricas sistémica e construtivista, que procuram analisar as dificuldades de escolha e indecisão vocacional dos sujeitos. As teorias abordadas e os trabalhos de investigação explanados, que pretendiam analisar a relação entre as diferentes variáveis e indecisão vocacional, conduziram a resultados pouco consistentes e conclusivos.

Palavras-chave: indecisão vocacional, preditores da indecisão vocacional, abordagem sistémica, abordagem construtivista.

Vocational indecision - a study with students from 9th grade

The envisaged career indecision is often as a result of negative interference between family factors and personal development. In the present study seeks to empirically analyze the relationships between anxiety, self-esteem, vocational identity and vocational sure which function as predictors of career indecision in a vocational choice process. In this study we undertook a critical analysis of systemic and constructivist theoretical approaches, which seek to analyze the difficulties of career indecision and choice of subjects. The theories discussed and explained the work of research which sought to analyze the relationship between different variables and career indecision led to inconsistent and inconclusive results.

Key-words: career indecision; predictors of career indecision; systemic approach; constructivist approach

Agradecimentos

No culminar deste percurso de desenvolvimento pessoal e de competências, aquisição de conhecimento e concretização de um sonho, diversas pessoas contribuíram de forma construtiva e incentivadora na minha formação como futura psicóloga e que por este facto merecem a minha sincera gratidão.

Assim, agradeço em particular ao Professor Doutor Joaquim Armando, Orientador Científico, por todo o apoio, orientação e transmissão de conhecimentos, bem como a cordialidade com que sempre me recebeu, ao longo de todo o ano letivo.

Um agradecimento especial à minha colega e amiga, Tânia Salgueiro, por todo apoio, disponibilidade e ajuda.

Agradeço aos meus queridos pais, António e Isabel, pela forma como me inculcaram a vontade de trabalhar, de ir sempre mais além e por serem o meu porto seguro.

À minha irmã, Sandra, pelo apoio prestado, pelo amor incondicional e por estar sempre a torcer por mim.

Aos meus sogros, José e Licinia, pela ajuda sempre presente.

Ao meu marido, Silvestre, que me apoiou inúmeras vezes, demonstrou compreensão pela falta de tempo e me deu sempre forças para prosseguir nesta etapa árdua.

Ao meu filho, Rodrigo, por vibrar de alegria nos poucos momentos que disponho para estar com ele e acompanhar o seu desenvolvimento.

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos participantes em função do sexo-----14

Tabela 2 - Médias, Desvios-Padrão e Testes Estatísticos referentes às
variáveis: certeza vocacional, identidade vocacional, autoestima e
ansiedade traço, em função do sexo-----15

Tabela 3 – Matriz de correlações-----16

Tabela 4 – Sumário de regressão hierárquica para a certeza vocacional--
-----16

Tabela 5 – Coeficiente de regressão-----17

Índice de Siglas

STAI - State-Trait Anxiety Inventory

VIS - Vocational Identity Scale

RSES - Rosenberg Self-esteem Scale

Índice

Introdução-----	1
I – Enquadramento Conceptual-----	1
1. Psicologia vocacional e processo de escolha-----	1
2. Indecisão vocacional-----	3
2.1. Abordagem sistémica da indecisão vocacional-----	4
2.2. Abordagem construtivista da indecisão vocacional-----	7
3. Preditores da indecisão vocacional-----	8
II – Objetivos-----	10
III – Metodologia-----	11
1. Caracterização da amostra-----	11
2. Instrumentos-----	11
3. Procedimentos de investigação-----	14
IV – Resultados-----	14
V – Discussão-----	17
VI – Conclusão-----	18
Bibliografia-----	20

Introdução

Num mundo em crescente mudança e mutação, também as transformações no mundo do trabalho implicam mudanças nas carreiras profissionais, nos planos de estudos, na relação do sujeito com o mundo laboral e com as escolhas que tem de efetuar num contexto de imprevisibilidade e de incerteza.

A adolescência é o período, por excelência, em que os jovens são confrontados com sucessivas escolhas vocacionais e possibilidades de escolhas de carreira. Estas tarefas são normativas e constituem importantes tarefas de desenvolvimento. É nesta fase da vida que a autonomização e construção da identidade são centrais, as escolhas vocacionais são importantes formas pelas quais é possível clarificar e dar significado ao sentido de vida que se procura.

A indecisão vocacional, entendida como “expressão de incerteza e de falta de confiança face a uma escolha escolar ou profissional” (Dosnon, 1996), evoluiu de uma classificação reducionista do problema, para uma compreensão do constructo como um fenómeno multidimensional, passível de ser caracterizado num contínuo entre sujeitos decididos e indecisos, classificados em diferentes subtipos e imbuídos em diferentes contextos de vida.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de se analisar e investigar os diferentes contextos em que a indecisão vocacional acontece e quais os fatores que contribuem para a sua manutenção. Procurando analisar o fenómeno à luz das abordagens sistémica e construtivista.

O presente estudo está estruturalmente organizado e dividido em seis partes: a primeira, o enquadramento conceptual, que apresenta a literatura acerca da temática abordada. Na segunda parte são apresentados os objetivos e hipóteses deste estudo. A terceira parte corresponde à metodologia, onde se faz a caracterização da amostra, dos instrumentos e procedimentos utilizados. Posteriormente, numa quarta parte apresentam-se os resultados do estudo e, por último, a quinta parte onde se procede à discussão dos resultados com base na literatura. Finalizando o trabalho escrito com as principais conclusões relativas ao estudo.

I – Enquadramento conceptual

1. Psicologia vocacional e processo de escolha

O processo de escolha vocacional constitui-se como um constructo central da psicologia vocacional desde que esta emergiu, evidenciando-se como objeto de estudo e atenção por parte de investigadores, sendo que sofreu ao longo do tempo várias designações e modificações, transformando-se num domínio muito complexo, transversal à vida da pessoa e dependente de inúmeras variáveis pessoais, familiares e sociais.

A psicologia vocacional enquanto área da psicologia emergiu no início do século XX, como refere Crites (1981, *cit in*. Santos, 2007) “constituindo o resultado de um conjunto complexo de fatores económicos, sociais, ideológicos e científicos, é indissociável das escolhas com as quais os indivíduos se confrontam face ao conjunto de alternativas educacionais e profissionais.”

Na década de 50, especialmente, com os trabalhos de Ginzberg e de Super a orientação vocacional teve um desenvolvimento exponencial, tal como refere Taveira (2004) citando Super (1990) sobre o conceito de orientação vocacional este é “o processo de ajudar uma pessoa no desenvolvimento da sua carreira, com uma abordagem *lifespan e lifespaces*”. O conceito sofreu toda uma evolução terminológica que acompanhou as mudanças no domínio da psicologia, bem como as transformações no contexto educacional, social, económico e laboral. Tornando-se um domínio complexo, com variações importantes de acordo com as diferentes realidades sociais e culturais. Assim, o conceito de orientação profissional deu lugar ao conceito renovado de orientação escolar e profissional.

Partindo de perspetivas inovadoras como a de Super sobre a psicologia das carreiras, Crites (1996) estabelece a psicologia vocacional como um campo científico. O mesmo autor, posteriormente, utiliza preferencialmente a expressão *carrer counseling*, e mais tarde, Spokane (1991) adota a expressão *carrer intervention* citados por Taveira, (2004).

O conceito de “intervenção de carreira” de Spokane (1990) refere-se a, como escreve Taveira (2008), “qualquer apoio direto a um indivíduo no sentido de promover uma tomada de decisão mais eficaz, o aconselhamento intensivo para ajudar a resolver dificuldades no âmbito da carreira.”

Ocorreu, também, uma enorme extensão do campo de atuação da orientação vocacional, abrangendo indivíduos desde a idade adulta até à idade de criança, de acordo com Taveira (2004) corresponde a uma abordagem *lifespan* remetendo para a “ideia de formação permanente, ao longo da vida, e supõe uma disponibilidade para intervenções junto de pessoas de idades e níveis de escolaridade diferentes e com necessidades específicas”.

A Frank Parsons atribui-se a origem da orientação vocacional, com a publicação da sua obra *Choosing a Vocation*, publicada originalmente em 1909, onde propõe um modelo de aconselhamento que visa adequar as características pessoais e trabalho. Como escreve Borges (2004) citando Crites (1981), Parson com a sua obra “identifica as três variáveis básicas do processo de tomada de decisão quanto à carreira, a saber, o indivíduo, a ocupação e a relação entre estas.” Esta conceção de Parsons sobre a orientação vocacional, como aponta Santos (2007) “viria a constituir a base sobre a qual se ergueria a abordagem designada traço-fator, que, durante décadas, foi a conceção dominante da psicologia vocacional.” Atualmente, ainda se faz sentir a sua influência, pois que na orientação vocacional preconiza-se que o sujeito seja avaliado, se faça um levantamento das suas características pessoais e, posterior, adequação a uma determinada profissão. Constituindo-se este processo de intervenção como redutor e minimalista, não tendo em conta outros fatores de desenvolvimento, processos de aprendizagem e vivências, que interferem de forma direta ou indireta no processo de decisão do sujeito.

A orientação vocacional deve ser percebida como escreve Paixão (sd) como “um domínio compreensivo e articulado de modelos, estratégias e recursos face às questões de carreira às quais urge dar resposta para a compreensão e otimização das transições ocupacionais dos sujeitos ao longo da vida.” O processo de tomada de decisão é entendido como uma mudança gradual e progressiva, em que o ser humano se vai construindo a si próprio a partir das suas múltiplas escolhas e interação intra e interpessoal com os outros, das suas vivências anteriores, expectativas e gostos.

2. Indecisão vocacional

O interesse relativamente ao constructo indecisão vocacional remonta desde, sensivelmente, a década de 20, tendo sido alvo de inúmeros estudos e investigações no domínio da psicologia vocacional. Este é um tópico clássico de investigação em psicologia, para este fato contribuíram, também, as conclusões de diversos estudos com estudantes universitários, em que uma elevada percentagem se considera vocacionalmente indecisa.

Um processo de tomada de decisão vocacional é normalmente acompanhado por alguma indecisão por parte do sujeito, dúvidas, anseios, medos, expectativas e hesitações. O processo de desenvolvimento vocacional como refere Furtado (2010) citando Guichard & Huteau (2002) pode ser definido como a “passagem de um estado inicial de indecisão a um estado ulterior de decisão. Esta redução da indecisão não é progressiva e linear. A indecisão é frequentemente mais forte nos períodos em que o sistema social obriga o sujeito a escolher, isto é, num estágio já avançado do desenvolvimento vocacional”.

A indecisão vocacional é de certa forma um processo comum aquando da decisão de que profissão ou rumo o sujeito pretende tomar, sendo um constructo individual importante e que merece especial enfoque. Tendo, inclusivamente, sido alvo de inúmeros estudos e investigações ao longo do século XX. Apesar de ser relativamente comum num processo de escolha vocacional, que normalmente acontece na adolescência, em simultâneo com o desenvolvimento da identidade pessoal e em que o sujeito é um sujeito em devir, este constructo é maioritariamente definido pela negativa. Assim e de acordo com Crites (1969, *cit in*. Santos, 2005), a indecisão vocacional define-se como a “incapacidade do indivíduo em selecionar ou comprometer-se com determinado rumo de ação que terá como consequência a sua preparação e ingresso numa profissão específica”. Ainda como escreve Santos (2005) citando Dosnon (1996) “a indecisão vocacional é operacionalizada por um acontecimento comportamental, pela ausência da formulação de uma escolha escolar e profissional (...) e pela expressão de incerteza, de uma falta de confiança face a esta escolha”. Mais recentemente, Forner (2001, *cit in* Santos, 2005) faz a distinção entre indecisão escolar e indecisão profissional. Na perspetiva de Silva (2004), a indecisão vocacional é a dificuldade sentida pelo indivíduo em se comprometer com objetivos escolares ou profissionais concretos.

Num estudo realizado por Holland e Holland (1971) em que procuravam diferenciar os alunos decididos dos indecisos constataram que os últimos, como escreve Furtado (2010), possuíam um sentimento menos claro de identidade, ou seja, tinham uma visão instável deles próprios e eram mais imprecisos a relacionar as características pessoais com as do mundo profissional. Referindo, ainda, outros estudos levados a cabo por Hartman e colaboradores (1985) e referidos por Furtado (2010) em que puderam verificar que a confusão de identidade, a par de um locus de controle externo e da ansiedade traço, estavam associados a formas mais crónicas de indecisão.

Referindo outros trabalhos de investigação, sobre a problemática da indecisão vocacional, pode-se constatar que os sujeitos com menor dificuldade no processo de tomada de decisão vocacional são pessoas que possuem um sentido mais objetivo de identidade pessoal e identidade vocacional próprias da sua fase de desenvolvimento. Sendo que, outros fatores contribuem de forma negativa para a indecisão relativamente a um

processo de tomada de decisão, como sejam a instabilidade do mundo do trabalho e por um ambiente mutável, assim como pelo fato de existir uma exploração vocacional por parte do sujeito, o que lhe permite deparar-se com um leque enorme de possibilidades de formação escolar e profissional, podendo, também, este elemento gerar indecisão no processo de escolha de um rumo de ação (Taveira, 2000).

A formação da identidade pessoal e todas as variáveis individuais são de enorme importância, da mesma forma que as experiências pessoais do sujeito e acontecimentos e ambiente familiares, num processo de tomada de decisão vocacional. Da mesma forma, a indecisão vocacional encontra-se intimamente ligada a fatores sociais, económicos e culturais que condicionam o desenvolvimento e as escolhas vocacionais (Gottfredson, 1981; Heesacker, Neimeyer & Lindekens, 2001; Hodkinson & Sparkes, 1997 *cit in.* Santos, 2005).

2.1. Abordagem sistémica da indecisão vocacional

No âmbito da psicologia do desenvolvimento e escolhas vocacionais, a influência da família no desenvolvimento vocacional dos sujeitos tem sido uma variável à qual se atribui suma importância, apesar de ser abordado por algumas teorias clássicas da psicologia vocacional. Na década de 50, Super (1957) e Holland (1959) nas suas abordagens e formulações teóricas integraram as variáveis familiares e a influência da família num processo de decisão vocacional e Anne Roe (1957) utilizou também este constructo como base para construção do seu modelo teórico. Posteriormente, diferentes abordagens teóricas analisaram e propuseram-se a explicar a influência parental num processo de decisão e indecisão vocacional. Assim, numa abordagem sistémica do fenómeno da indecisão vocacional passou a ter uma maior relevância a influência parental, pois que os investigadores perceberam a importância deste aspeto, bem como da pertinência da aplicação de grelhas teóricas e de estratégias de intervenção baseadas nas teorias familiares sistémicas.

As limitações nos estudos e investigação sobre o papel e influência da família no desenvolvimento vocacional são inúmeras, como identificaram Schulenberg, Vondracek e Crouter (1984, *cit in.* Santos, 2005), estas prendem-se sobretudo com o facto de as investigações se centrarem exclusivamente nos resultados, não valorizando o processo de escolha e desenvolvimento vocacional; não abordarem o contexto familiar como um todo funcional, em interdependência com os diferentes sistemas ecológicos; e, por último, os estudos não analisarem o contexto socioeconómico geral, em que se insere a família, cujas alterações se refletem nas relações familiares e na relação da família com o meio envolvente.

Outras limitações dos estudos de natureza empírica relacionam-se com a falta de um enquadramento teórico e estudos longitudinais na área. Nos últimos vinte cinco anos, contudo, procuraram-se transpor algumas destas limitações. Assim, a influência da família, as variáveis de contexto e as dimensões processuais relacionadas com a interação entre os diferentes membros da díade familiar têm influência num processo de desenvolvimento do sujeito, nas suas escolhas vocacionais e, conseqüentemente, num processo de indecisão vocacional. Desta forma, a investigação e o foco de atenção deslocou-se de variáveis de natureza estrutural para variáveis de natureza processual, analisando o impacto da influência familiar de um ponto de vista causal e não apenas preditivo (Gonçalves, 2008; Osipow &

Fitzgerald, 1996; Whiston & Keller, 2004 *cit in.* Santos, 2005)

Nesta perspectiva teórica, a família é percebida como um sistema, em que os seus membros se organizam em subsistemas, configurando assim uma estrutura em que as relações são de natureza transacional e recíproca, prevalecendo uma interdependência mútua (Relvas, 2003). A abordagem sistêmica da indecisão vocacional preconiza uma perspectiva de causalidade circular, isto é, o comportamento humano deixa de ter uma relação linear de causa-efeito e de se conferir unicamente importância aos fatores psicológicos individuais, para se perspetivar os comportamentos como tendo um significado na rede de relações familiares.

Também de acordo com os autores referidos anteriormente, na consulta vocacional tem crescido o interesse por intervenções que procuram envolver pais e filhos. Sendo que, a intervenção centra-se, essencialmente, na modificação da comunicação e interação dos diversos indivíduos ou subsistemas familiares, com vista à promoção do desenvolvimento vocacional dos alunos. Assim, as intervenções na área da orientação escolar e profissional cada vez mais preconizam o envolvimento dos pais na promoção de desenvolvimento vocacional dos seus filhos, tendo este aspeto sido alvo de um interesse especial por parte do psicólogo.

Tendo em conta as diferentes investigações e os diversos estudos a família e a sua influência é perspetivada e analisada de diferentes formas, sendo que as variáveis e categorias analíticas explanadas nos diferentes estudos analisam o fenómeno em diferentes extensões, especificidade e grau de importância. Com efeito, diferentes condições de vida da família, diferentes estatutos socioeconómicos ou profissionais dos pais, meio étnico de origem, valores familiares e estilos educativos, diferentes configurações familiares e posição na fratria, entre outras variáveis, são aspetos que podem influenciar positiva ou negativamente o percurso vocacional dos filhos.

Os vários paradigmas teóricos e estudos empíricos procuram analisar as interações familiares considerando, de acordo com Pinto (2001), a família como um sistema inserido noutros sistemas mais vastos e sublinhando a interdependência dos diversos níveis em que ocorre, bem como dos princípios de reciprocidade e troca na interação sujeito/meio. Desta forma, as intervenções de orientação escolar e profissional, acentuam a importância dos aspetos relacionais e procuram envolver pais e filhos em atividades conjuntas em que os sujeitos interagem e promovem mutuamente o desenvolvimento das suas carreiras, tornando-se progressivamente mais competentes para o desempenho das respetivas tarefas vocacionais (Pinto, 2001).

Bratcher (1982) foi um dos primeiros autores a defender a abordagem sistêmica como a abordagem teórica mais eficaz e completa, num processo de compreensão do papel e influências familiares, nos processos de decisão vocacional. Pois que, as famílias com as suas regras, padrões e a maior ou menor flexibilidade das fronteiras do sistema familiar, podem desempenhar um papel fulcral no processo de autonomização dos jovens e na construção dos seus projetos escolares e profissionais.

No que concerne às dificuldades no processo de decisão vocacional, Zingaro (1983 *cit in.*, Santos, 2007) defende que as dificuldades evidenciadas por alguns sujeitos podem encontrar-se relacionadas com um padrão familiar disfuncional. Assim, são inúmeros os autores que defendem uma abordagem sistêmica e intervenções com base em princípios sistêmicos e na terapia familiar, da problemática da decisão vocacional.

De acordo com estudos realizados na década de 80, os processos de desenvolvimento vocacional e de decisão vocacional devem ser analisados à luz de um quadro teórico sistêmico, procurando interpretar as influências recíprocas e a rede de relações que se estabelecem na família. Como defendem os mesmos autores, uma dificuldade no processo de decisão vocacional pode evidenciar conflitos no seio familiar, dificuldades parentais em lidar com a separação e processo de crescente autonomia dos filhos, ou receios por parte dos filhos em desapontar um dos progenitores ao efetuar determinada escolha. O processo de decisão vocacional deve assim ser entendido em conjunto com as tarefas desenvolvimentais da adolescência, nomeadamente o processo de autonomização relativamente às figuras parentais e a construção de identidade pessoal.

A partir da segunda metade dos anos 80, começaram a surgir inúmeras investigações e estudos empíricos para analisar a relação entre os fatores sistêmicos familiares e as dificuldades no processo de decisão vocacional.

Uma das primeiras investigações nesta área, como descreve Santos (2005), foi realizada por Eigen, Hartman e Hartman (1987), que analisaram de que forma três grupos de estudantes do ensino superior, percecionavam a coesão e adaptabilidade familiar de acordo com o modelo de Olson *et al.* (1979). Os resultados do estudo não corroboraram as hipóteses da investigação, não se podendo estabelecer relações estatisticamente significativas, entre as variáveis familiares sistêmicas e as dificuldades sentidas pelos sujeitos, num processo de escolhas vocacionais.

Santos (2005), refere ainda autores como Kinneer *et al.* (1990) que investigaram as relações entre o nível de aglutinação na família e a indecisão vocacional numa amostra de estudantes universitários. Os resultados obtidos não foram conclusivos, as variáveis estudadas revelaram na sua generalidade um reduzido valor preditivo.

O mesmo autor menciona vários estudos, inclusivamente já na década de 90 aponta um trabalho efetuado por Whiston (1996) que procurou identificar as relações entre fatores da indecisão vocacional e expectativas de autoeficácia face às tarefas de decisão vocacional, por um lado, e três dimensões do funcionamento familiar, por outro: dimensão relacional, dimensão de desenvolvimento pessoal e dimensão de organização e controlo. Refere ainda investigações mais recentes como a de Hartung *et al.* (2002) com base no modelo de Olson *et al.* (1979), realizada com o objetivo de verificar a relação entre níveis de adaptabilidade e coesão familiares com a saliência de papéis e a identidade vocacional.

Contudo, os resultados das investigações na sua maioria não apresentam conclusões substantivas e resultados consistentes, que explicitem as relações entre as variáveis familiares sistêmicas e a indecisão vocacional.

A abordagem sistémica da indecisão vocacional enfatiza a relação de causalidade circular entre sujeito e meio, contribuindo de forma muito positiva para a compreensão do desenvolvimento e processo de escolha vocacional. Apesar do inegável contributo que trouxe para a compreensão da indecisão vocacional apresenta algumas limitações como sejam, o fato de perspetivarem ou definirem a indecisão vocacional numa perspetiva unidimensional e como uma situação problemática, não se considera a qualidade do processo de decisão vocacional e atribuem excessiva importância à diferenciação do sujeito relativamente à sua família.

2.2. Abordagem construtivista da indecisão vocacional

Os modelos construtivistas da carreira conferem especial relevo ao papel das emoções nas escolhas vocacionais e de carreira que os sujeitos efetuam ao longo do seu desenvolvimento vocacional.

À luz da perspectiva construtivista e como escreve Taveira (2004) citando (Brott, 2001; Savickas, 2002; Young, Valach & Collin, 2002) os sujeitos emergem como agentes ativos, construtores de significações de si e da realidade, num processo dialético entre as estruturas de significado existentes e as experiências sociais nos contextos onde se movem.

As emoções constituem-se como componentes das estruturas de significado, de estruturação do funcionamento humano e na construção de autoconhecimento, alicerçando as atitudes de mudança de comportamento e tomada de decisão num processo de desenvolvimento vocacional. Ainda numa perspectiva construtivista de carreira “a relação entre necessidades, interesses e valores surgem como dimensões motivacionais que direcionam o sujeito para determinados objetivos de carreira” (Taveira, 2004, p.29).

A abordagem construtivista da indecisão vocacional proposta por Mark Savickas (1995a) parece abranger duas perspectivas complementares, a abordagem biográfica-hermenêutica e a abordagem narrativa. Sendo que, o conceito teórico da primeira abordagem teórica consiste, essencialmente, na análise dos temas de vida das biografias dos indivíduos e a abordagem narrativa consiste na análise da narrativa como componente fulcral na construção do sujeito psicológico.

A perspectiva construtivista parte do pressuposto que o conhecimento é construído socialmente e validado pelo uso, valorizando os diferentes contextos em que a indecisão vocacional surge. A indecisão vocacional é segundo Santos (2007) associada à dificuldade em identificar um tema de vida ou construir uma narrativa pessoal em torno de um projeto de carreira que possibilite ao indivíduo investir numa determinada direção.

Importa analisar mais pormenorizadamente a abordagem narrativa, uma vez que a indecisão vocacional adquire neste contexto um significado particular. O mercado de trabalho, as relações profissionais e os projetos de carreira sofreram mudanças substanciais nas últimas décadas. Desta forma, uma profissão ou uma escolha vocacional pode não ser para toda a vida, coexistindo uma instabilidade laboral e vínculos de trabalho considerados precários. A carreira profissional faz-se, muitas vezes, de forma não linear, caracterizada por necessidade de adaptação às exigências do mercado de trabalho e competitividade, bem como pela necessidade de constante aperfeiçoamento e formação profissional. De acordo com Santos (2005) citando os autores (Arnold & Jackson, 1997; Sullivan, 1999; Taylor, 1994; Tractenberg *et al.*, 2002) é num ambiente social e económico caracterizado pela incerteza e pelo risco que os indivíduos fazem as suas escolhas vocacionais e gerem as suas carreiras.

A teoria vocacional construtivista privilegia as experiências de vida dos sujeitos, os acontecimentos marcantes, a perspectiva dos sujeitos relativamente às suas escolhas vocacionais e percursos de carreira. Nas sociedades contemporâneas, com as consequentes transformações no mundo de trabalho e as diferentes estratégias de abordagem da carreira, também as definições de carreira e os conceitos teóricos, como o conceito de *self*, sofrem mutações. Assim, o *self* passou a ser definido como uma dimensão reflexiva, objeto de um investimento por parte do sujeito, com vista a manter o seu significado e coerência (Giddens, 1999).

Segundo Santos (2005), o sujeito constrói e reconstrói narrativas de vida e de carreira para poder atribuir significado à realidade envolvente. De acordo com o mesmo autor, o *self* pressupõe uma narrativa ou complexo de narrativas que expressam a identidade, o que implica que pela narrativa é possível captar os significados que os indivíduos utilizam para estruturar a forma e os processos como se constroem a si próprios e ao mundo.

O *self* constrói-se através de histórias organizadas em narrativas, que os sujeitos contam a outros sujeitos, sobre as suas vidas, criando-se assim uma individualidade. Comparativamente, pode perceber-se o desenvolvimento vocacional e conceber a carreira vocacional como uma narrativa. O conceito de narrativa pode definir-se como uma história subjetiva sobre o percurso de um sujeito, que procura estruturar acontecimentos de vida e relacioná-los num continuum temporal. Polkinghorne (1986, *cit in.* Santos, 2005) aponta uma definição para narrativa como sendo uma estrutura de significado que organiza acontecimentos e ações numa totalidade, atribuindo significado às ações e acontecimentos individuais de acordo com o seu efeito na totalidade.

A abordagem narrativa aplicada à intervenção e consulta vocacional consiste, essencialmente, em proporcionar ao sujeito a construção de narrativas de vida, desvalorizando uma avaliação racional e psicométrica e priorizando os relatos subjetivos do sujeito, a sua experiência e construção de significados. Procurando capacitar o sujeito de possibilidades de transformação, adotando um papel ativo e interventivo na construção da sua realidade pessoal e vocacional, bem como na construção da sua identidade.

Relativamente às dificuldades de escolha e indecisão vocacional, a psicologia vocacional narrativa, percebe nas dificuldades da escolha vocacional um período em que os sujeitos procuram construir ou reconstruir um significado, antes de uma mudança, não associando a indecisão a características psicológicas negativas (Santos, 2005).

Ainda de acordo com o autor referido anteriormente, ao nível da intervenção vocacional e na abordagem proposta por Savickas, podem apontar-se algumas limitações como sejam, um reduzido número de investigações de natureza empírica, o método qualitativo exigir um grande investimento de tempo e recursos, os estudos que optam por metodologias qualitativas de investigação que se centrem na narrativa são escassos.

3. Preditores da indecisão vocacional

O desenvolvimento vocacional caracteriza-se, essencialmente, por um conjunto de atitudes exploratórias relativas ao ambiente, mundo do trabalho e ao próprio sujeito. Neste processo, muitas vezes, surge a indecisão vocacional como uma indisponibilidade da parte do sujeito em adotar um comportamento exploratório, que lhe permita tomar decisões e efetuar um planeamento de carreira. Os estudos realizados nesta área preconizam dar resposta e identificar que dimensões contribuem para a indecisão vocacional e para as dificuldades na escolha vocacional.

As investigações efetuadas, sobre comportamento exploratório e decisão vocacional, identificaram um conjunto de características pessoais, que parecem contribuir de forma positiva num processo de exploração de carreira, como sejam orientação motivacional intrínseca, saliência do papel do trabalho e coerente identidade de ego. As pesquisas parecem evidenciar que sujeitos com metas bem estabelecidas e crenças de auto eficiência mais elevadas, caracterizam-se por apresentar maior número de comportamentos

exploratórios.

Nas décadas de 60 e 70 foram levadas a cabo inúmeras investigações, analisando um conjunto alargado de variáveis, com a finalidade de verificar em que medida os sujeitos vocacionalmente decididos se diferenciam dos sujeitos indecisos. De acordo com alguns resultados, os sujeitos indecisos podem ser descritos como mais dogmáticos, ansiosos e baixa autoestima com baixa autoestima, dependentes e apresentavam resultados académicos mais baixos no ensino secundário (Santos, 2005).

Na década de 70, realizaram-se investigações que permitiram inferir que a indecisão vocacional não se encontrava relacionada com idade, sexo e diferenciação dos interesses vocacionais. A realização académica era a variável mais relacionada com a indecisão vocacional, assim sujeitos com médias mais baixas nas avaliações escolares eram, também, os mais indecisos vocacionalmente.

Numa investigação realizada por Holland e Holland (1977 *cit in*. Santos, 2005) em que compararam estudantes decididos e indecisos, puderam concluir que a única variável que permitiu diferenciar os estudantes seria a identidade vocacional, sendo que os estudantes indecisos apresentam resultados mais baixos.

Mais recentemente, numa investigação realizada em 1997, constatou-se que os estudantes indecisos, de ambos os sexos, tendiam a acreditar que no futuro tinham poucas probabilidades de ter um emprego satisfatório e bem remunerado. Verificou-se conjuntamente, que os sujeitos indecisos do sexo feminino apresentavam, com maior frequência, baixa autoestima e um maior nível de externalidade (Santos, 2005).

Os interesses vocacionais são a variável mais associada à indecisão vocacional, por norma espera-se que sujeitos, com um padrão de interesses estável e definido, efetuem escolhas vocacionais sem dificuldade. Os diversos estudos desenvolvidos demonstraram que não existe uma relação estatisticamente significativa entre os interesses vocacionais e a indecisão vocacional. Contudo, as conclusões de uma investigação desenvolvida por Tracey e Darcy (2002) citados por Santos (2005), contrariam estes resultados, segundo o mesmo autor apontam para que a indecisão vocacional poderá surgir quando os indivíduos apresentam uma natureza atípica da sua representação de si próprios, dos seus interesses e do mundo de trabalho.

Os estilos de decisão vocacional parecem influenciar a capacidade de tomada de decisão vocacional, isto é, alguns estilos de decisão vocacional podem ser mais eficazes do que outros no que concerne à tomada de decisão vocacional por parte do aluno. De acordo com a revisão da literatura, alguns estudos permitiram verificar que o nível de indecisão vocacional varia de acordo com o estilo de decisão.

De uma forma geral, as inúmeras investigações realizadas e os seus resultados não permitiram estabelecer uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis, como a informação vocacional, saliência e valores vocacionais, aptidão e realização académica, num processo de tomada de decisão vocacional.

Nas investigações concretizadas as variáveis relacionadas com as características de personalidade adquiriram especial interesse, assim podem referir-se algumas conclusões relativamente aos estudantes vocacionalmente indecisos: apresentam menor propensão para o risco; têm maior externalidade e medo do sucesso; os sujeitos tímidos e com baixa-autoestima se envolvem menos em atividades de exploração vocacional e apresentam maior nível de indecisão vocacional. Em termos gerais os resultados das

investigações parecem indicar que os sujeitos decididos, comparativamente com sujeitos indecisos, apresentam um maior número de características pessoais positivas (Santos, 2005).

No universo das características psicológicas, a ansiedade é uma das variáveis que integrou maior número de estudos, persistindo a ideia de que níveis elevados de ansiedade dificultam o processo de tomada de decisão vocacional, importa perceber em que medida e aspetos este constructo se relaciona com a indecisão vocacional. De acordo com o estudo de Kimes e Troth (1974) citados por Santos (2005) os autores investigaram qual a relação entre ansiedade-traço e grau de certeza vocacional, os resultados permitiram verificar que a ansiedade-traço aumentava à medida que o grau de certeza vocacional decrescia.

As variáveis cognitivas, como a autoavaliação da capacidade de resolução de problemas e expectativas de autoeficácia face às tarefas de decisão vocacional parecem influenciar a capacidade de decisão vocacional. Um estudo realizado por Stead *et.al.* (1993 *cit in.*, Santos, 2005) em que os autores analisaram a relação entre as crenças irracionais específicas e genéricas com o processo de escolhas vocacional, os resultados permitiram inferir que existe uma associação positiva entre a indecisão vocacional e a ansiedade, autoestima e ideais irracionais de preocupação. Num outro estudo de Saunders, Peterson, Sampson e Reardon (2000) referidos por Santos (2005) permitiu inferir que a identidade vocacional e os pensamentos vocacionais disfuncionais se afirmaram como preditores estatisticamente significativos da indecisão vocacional. Ainda como escreve o mesmo autor, num estudo desenvolvido por Taylor e Betz (1983), estes apuraram que os estudantes vocacionalmente mais indecisos eram aqueles que evidenciavam as mais baixas expectativas de eficácia relativamente à capacidade para concretizar com sucesso as tarefas relacionadas com o processo de decisão vocacional.

Todavia, apesar do exposto, os resultados das investigações, muitas vezes, não são conclusivos e consistentes. Sendo necessário prosseguir com a mesma linha de investigação.

II – Objectivos

A indecisão vocacional pode entender-se como característica da fase da adolescência e como parte fundamental de um processo de envolvimento ativo em tarefas exploratórias, escolhas e planeamento de carreira. Contudo, quando o sujeito mantém um nível de indecisão vocacional elevado, não toma decisões autónomas e não se envolve ou delinea-a um projeto vocacional, importa explorar que fatores contribuem para a manutenção da indecisão e que dificultam a tomada de decisão vocacional.

Podem apontar-se como principais objetivos do estudo a exploração do processo de escolha vocacional e quais as suas condicionantes, procurando analisar as perspectivas de projeto de vida, modos de envolvimento no processo de decisão, a análise do autoconceito e influências familiares sentidas. Pois que, a indecisão pode ser perspectivada como uma indisponibilidade atitudinal para o comportamento de exploração vocacional, podendo evidenciar dificuldades afetivo-emocional e interpessoais, bem como problemas nas relações familiares significativas.

Neste sentido, o estudo tem como principais hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se que existam diferenças significativas ao nível da certeza vocacional, identidade vocacional, autoestima e ansiedade traço em função do sexo.

Hipótese 2: Pressupõe-se que existe uma relação positiva e significativa entre autoestima e a certeza vocacional.

Hipótese 3: É esperado que exista uma relação positiva e significativa entre identidade vocacional e a certeza vocacional.

Hipótese 4: Espera-se que a relação entre a ansiedade traço e a certeza vocacional seja negativa.

Hipótese 5: Prevê-se que as variáveis psicológicas sejam melhores preditores da certeza vocacional do que as variáveis sociodemográficas.

III – Metodologia

1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 220 elementos, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, com uma média de idades de 14,91. Sendo que 47,7% dos quais são rapazes (N=105) e 50,9% são raparigas (N=112), a frequentar o 9º ano de escolaridade. Importa ainda referir que 24,5% dos sujeitos já reprovaram em algum momento do seu percurso escolar. A amostra foi recolhida em escola da zona centro, do ensino regular privado e público, nas sessões de orientação vocacional.

2. Instrumentos

Rosenberg Self-esteem Scale

A Rosenberg Self-esteem Scale (RSES; Rosenberg, 1965) foi desenvolvida por Morris Rosenberg, sendo um dos instrumentos mais utilizados na avaliação da autoestima global, ao qual se recorreu para efetuar a avaliação deste constructo no presente estudo. Rosenberg (1965) refere-se à autoestima como a avaliação que a pessoa faz de si própria, a qual implica um sentimento de valor, que engloba uma componente essencialmente afetiva, expressa numa atitude negativa ou positiva relativamente ao self.

A RSES é constituída por 10 itens, com uma linguagem simples, bem como a facilidade e a brevidade de aplicação e de cotação. Embora concebida originalmente como uma escala Guttman, a maioria dos investigadores utiliza uma escala Likert com quatro alternativas de resposta. Dos 10 itens, 5 são de orientação positiva e os restantes de orientação negativa, podendo os scores totais variar entre 10 e 40, os resultados mais elevados evidenciam níveis mais elevados de autoestima.

As características psicométricas da RSES revelaram-se muito positivas. A consistência interna (alpha de Cronbach) variou entre 0,77 e 0,88, enquanto a estabilidade temporal oscilou entre 0,82 e 0,85, em curtos períodos de tempo (Blascovich & Tomaka, 1991 *cit in*. Santos, 2005). Simultaneamente, inúmeros estudos evidenciaram correlações nas direções esperadas entre a autoestima e múltiplas variáveis psicológicas, como, por exemplo, a depressão, a satisfação com a vida e a participação em atividades académicas (Rosenberg, 1965), corroborando, desta forma, a validade da escala. A escala foi objeto de tradução e adaptação para várias línguas, os resultados obtidos na RSES foram comparados em cerca de 53 países, circunstância que atesta a popularidade da escala a nível mundial,

evidenciando-se como o instrumento mais utilizado na avaliação da autoestima global, em investigação psicológica.

No presente estudo foi utilizada a versão portuguesa da RSES adaptada por Santos e Maia (2003) que utilizaram somente amostra de estudantes do ensino secundário. Uma análise fatorial confirmatória indicou que a RSES avalia um constructo unidimensional, como referido por Rosenberg (1965 *cit in.* Santos, 2005). Relativamente à consistência interna (*alfa* de Cronbach) tem evidenciado valores entre 0,86 e 0,92, resultados muito satisfatórios. No que concerne à estabilidade temporal, avaliada com o coeficiente de correlação entre duas aplicações, com um intervalo temporal de duas semanas, foi de 0,90 (Santos, 2008). Os resultados obtidos na RSES, na avaliação da autoestima, evidenciam que esta variável se correlaciona positivamente com a satisfação com a vida avaliada com a *Satisfaction With Life Scale* (Neto, 1993) e com indicadores do ajustamento psicológico, mais especificamente o autoconceito avaliado através do Inventário Clínico de Autoconceito (Vaz Serra, 1986).

Santos (2002 *cit in.* Santos, 2005) utilizou uma amostra de estudantes universitários para analisar as características da RSES, que lhe permitiu inferir que os resultados são muito idênticos aos resultados obtidos com alunos do ensino secundário. Assim, a consistência interna (*alpha* de Cronbach) calculado assegura uma consistência interna satisfatória, com um valor de 0.82. Por sua vez, as correlações entre o resultado global da RSES com o autoconceito e com a satisfação com a vida, duas variáveis teoricamente relacionadas com a autoestima, ocorrem nas direções esperadas. No presente trabalho a consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0.88.

Vocational Identity Scale

A *Vocational Identity Scale* (VIS; Holland, Daiger & Power, 1980) foi desenvolvida no âmbito de um projeto que visava a criação de um esquema de diagnóstico das necessidades do cliente seguido em consulta vocacional. O principal objetivo seria selecionar a opção mais adequada a cada indivíduo, de acordo com as suas características pessoais.

De acordo com Santos (2005), este projeto reuniu vários estudos, no decurso dos quais se analisou as diferentes variáveis inerentes a um processo de decisão vocacional e de dificuldade em efetuar escolhas, permitindo, assim, o desenvolvimento de dois instrumentos que podem ser considerados os antecessores da VIS: a Identity Scale (Holland et al. 1975; Holland & Holland, 1977) e a Vocational Decision-Making Difficulty Scale (Holland, Gottfredson & Power, 1980).

A VIS avalia a conceção de identidade vocacional que se pode definir como “a posse, por parte do indivíduo, de uma imagem clara e estável dos seus objetivos, interesses, personalidade e pontos fortes. Esta característica conduz a processos de decisão relativamente isentos de problemas e à confiança na capacidade individual para tomar boas decisões perante ambiguidades ambientais inevitáveis” (Santos, 2010, p.148).

A VIS é constituída por 18 itens, cujas hipóteses de resposta variam entre verdadeiro-falso. Um exemplo de um item: *Necessito de descobrir que tipo de carreira profissional deverei seguir*. O resultado individual é obtido através da soma do número de respostas falsas, variando entre os 0 e os 18, sendo que os resultados mais elevados correspondem a níveis mais elevados de identidade vocacional.

No que concerne à validade da escala, os resultados das investigações são pouco conclusivos. Holland, Daiger e Power (1980 *cit in.* Santos, 2005) puderam verificar que os sujeitos que apresentavam níveis mais elevados de identidade vocacional, se percebem como muito organizados, competentes e autoconfiantes, apontando para que a identidade vocacional aumentava com a idade.

Investigações posteriores, com o objetivo de avaliar as características psicométricas da VIS permitiram verificar associações entre os diferentes constructos avaliados pela escala, no global, e a validade de constructo, em particular.

Neste estudo foi utilizada a versão portuguesa da VIS, adaptada por Santos e Ferreira (2004), para alunos do ensino secundário. A consistência interna (*alfa* de Cronbach) da escala foi de 0.78. A identidade vocacional apresentou relações estatisticamente significativas com a autoestima, dimensões pessoais e de informação da indecisão vocacional. utilizou amostras de estudantes do ensino superior para analisar as características da escala, tendo verificado que a identidade vocacional se correlacionou de forma positiva com a autoestima e o grau de certeza vocacional (Santos, 2005).

No presente estudo a consistência interna (*alfa* de Cronbach) foi de 0.82.

State-Trait Anxiety Inventory

No sentido de avaliar a ansiedade foi utilizada a escala Trait Scale (TS) do State-Trait Anxiety Inventory (STAI; Spielberg, Gorsuch, Lushene, Vagg & Jacobs, 1983) que avalia as diferenças interindividuais na percepção de momentos entendidos como stressante ou perigosos e a capacidade para reagir de forma mais ou menos ansiosa. Esta escala é composta por 20 itens, caracterizando-se por ser do tipo Likert, com quatro alternativas de resposta, que variam entre *quase nunca*, *algumas vezes*, *frequentemente* e *quase sempre*, sendo que os resultados mais elevados apontam para níveis mais altos de ansiedade.

Este instrumento apresenta características psicométricas excelentes, com uma consistência interna (*alfa* de Cronbach) que se situa no intervalo entre 0.90 e 0.91, relativamente à consistência temporal média, com um intervalo de aproximadamente 30 dias, é de 0.77. Apresentando, também, uma excelente validade.

Neste estudo recorreu-se à versão portuguesa do STAI (Santos & Silva, 1997; Silva & Campos, 1988; Silva, Silva, Rodrigues & Luís, 1999/2000; Silva, 2003) no que respeita à escala que avalia a ansiedade-traço, a consistência interna (*alfa* de Cronbach) situa-se entre os valores 0.88 e 0.90, em relação à consistência temporal, com um intervalo de 30 dias, foi de 0.80, para uma amostra de estudantes do ensino secundário. Em amostras de estudantes universitários a consistência interna (*alfa* de Cronbach) é de 0.90.

Neste estudo a consistência interna (*alfa* de Cronbach) é de 0.92.

Escala de Certeza Vocacional

O nível de certeza vocacional dos estudantes foi avaliado com recurso a uma escala constituída de 4 itens. Este instrumento utiliza uma escala tipo Likert de 6 pontos (*1 = discordo inteiramente, 6 = concordo inteiramente*), sendo que a resultados mais elevados, correspondem níveis elevados de certeza vocacional. No presente estudo a consistência interna (*alfa* de Cronbach) é de 0.85.

3. Procedimentos de investigação

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram administrados aos alunos do 9º ano, no contexto das sessões de orientação vocacional, permitindo o seu preenchimento integral e recolha de dados para o estudo. Foram transmitidas informações aos sujeitos relativas ao preenchimento dos instrumentos, qual a sua finalidade e objetivos, tendo sido garantida a confidencialidade das respostas e anonimato dos resultados.

As análises estatísticas foram concretizadas com apoio informático de um programa de organização de dados e análise estatística, SPSS – versão 21. Esta ferramenta de análise de dados utiliza técnicas estatísticas, cuja sua funcionalidade permite obter estatísticas descritivas e inferenciais, analisar os dados, fazer predições rápidas e confiáveis de forma simples.

IV – Resultados

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos das análises estatísticas realizadas no SPSS – versão 21, reportando para os objetivos e hipóteses constituídos no presente estudo.

Caraterização da amostra

Tabela 1. Distribuição dos participantes em função do sexo

	N	%
Masculino	105	47.7
Feminino	112	50.9
Total	217	98.6
Valores omissos	3	1.4
Total	220	100.0

A amostra do estudo é constituída por 217 sujeitos, no entanto, os instrumentos foram aplicados a 220 sujeitos, não sendo possível apurar 3 dos resultados. Os sujeitos são alunos de escolas da zona centro, ensino público e privado, a frequentar o 9ºAno de escolaridade. Como podemos verificar na tabela 1, da amostra 105 (47.7%) correspondem a elementos do sexo

masculino e 112 (50.9%) a elementos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e 18 anos ($M=14.91$; $DP=.925$).

No que concerne ao nº de reprovações, podemos referir que 74.5% dos sujeitos nunca reprovou em qualquer ano de escolaridade, 13.6% dos alunos já reprovaram pelo menos uma vez, 9.1% apresentou duas reprovações, e por último 1.4% dos sujeitos já obteve três ou mais reprovações, sendo que estes dados representam 98.6% da amostra em estudo.

Relativamente à hipótese 1 - Espera-se que existam diferenças significativas ao nível da certeza vocacional, identidade vocacional, autoestima e ansiedade traço em função do sexo – os resultados indicam que há uma relação estatisticamente significativa para as variáveis Autoestima e Ansiedade ($p < 0.05$), tal como se pode verificar na Tabela 2. Relativamente às variáveis da certeza vocacional ($p=.380$) e identidade vocacional ($p=.409$), não se verificou uma relação estatisticamente positiva ($p > 0.05$).

Os resultados apresentados na Tabela 2, permitem também verificar que:

- O grau de certeza vocacional é maior nos rapazes do que nas raparigas ($M=17.18$ vs. $M= 16.58$);
- A identidade vocacional está mais definida nos rapazes do que nas raparigas ($M= 9.41$ vs. $M= 8.90$);
- A autoestima é superior no sexo masculino ($M= 29.52$), comparativamente ao sexo feminino ($M= 27.90$);
- O nível de ansiedade é superior no sexo feminino ($M= 44.40$ vs. $M= 39.72$)

Deste modo, a hipótese 1 verificou-se para a variável autoestima e para a variável ansiedade.

Tabela 2: Médias, Desvios-Padrão e Testes Estatísticos referentes às variáveis: certeza vocacional, identidade vocacional, autoestima e ansiedade traço, em função do sexo

	Sexo Masculino		Sexo Feminino		t-Test	p
	M	DP	M	DP		
ECV	17.18	4.692	16.58	5.311	.879	.380
MVS	9.41	4.680	8.90	4.198	.827	.409
Autoestima	29.52	4.265	27.90	5.117	2.487	.014
Ansiedade	39.72	8.859	44.40	10.135	-3.474	.001

Tabela 3 – Matriz de correlações

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. ECV	1.00						
2. MVS	.59**	1.00					
3. Autoestima	.25**	.37**	1.00				
4. Ansiedade	-.19**	-.28**	-.738**	1.00			
5. Sexo	-.06	-.06	-.170*	.239**	1.00		
6. Idade	.11	-.06	-.044	-.010	-.127	1.00	
7. Nº de Reprovações	.10	-.12	-.126	.033	-.117	.802**	1.00

*p<.05; **p<.001

Na Tabela 3 apresentamos a matriz de correlações entre as diferentes variáveis. Como podemos constatar, verifica-se uma correlação positiva e significativa entre a identidade e a certeza vocacional. A ansiedade como esperado correlaciona-se negativamente com a autoestima, certeza vocacional e identidade vocacional. Das variáveis sociodemográficas constata-se correlações significativa entre o sexo e a ansiedade e a autoestima. Verifica-se igualmente como esperado uma relação forte entre a idade e o número de reprovações.

A Tabela 4 refere-se aos resultados relativos à regressão hierárquica da certeza vocacional. Nos dois modelos de variáveis, o modelo 1 relaciona-se com as variáveis independentes sexo, idade e nº de reprovações. O modelo 2 corresponde às variáveis sexo, idade, nº de reprovações, identidade vocacional, ansiedade e autoestima.

Tabela 4 – Sumário de regressão hierárquica para a certeza vocacional

Modelo	R	R ²	R ² ajust.	R change	F change	Sig. F change
1	.128	.016	.000	.016	1.030	.381
2	.633	.401	.381	.384	38.936	.000

Ao analisarmos os dados dos coeficientes de determinação ajustados (R^2 ajust.) na tabela 4, verifica-se que o primeiro modelo de variáveis não tem relevância estatisticamente significativa ($p > .001$) na explicação da variância da certeza vocacional. No segundo modelo com o agrupamento de todas as variáveis, o coeficiente de determinação ajustado eleva-se, explicando 38.1% da variância ($p < .001$).

Tabela 5 – Coeficiente de regressão

Modelo	B	B	T	Sig. (p)
Sexo	.017	.002	.027	.978
Idade	.038	.007	.070	.944
Nº de Reprovações	2.349	.312	1.951	.053
MVS	.724	.628	9.979	.000
Autoestima	.119	.114	1.266	.207
Ansiedade	.065	.126	1.389	.166

Na tabela 5, referente ao coeficiente de correlação da certeza vocacional, verifica-se que tem maior valor preditivo a dimensão identidade vocacional, da MVS ($\beta=.628$).

V – Discussão

O principal objectivo deste estudo é analisar os factores determinantes no processo de indecisão vocacional em alunos do 9º ano de escolaridade. No capítulo anterior foram apresentados os resultados referentes à análise estatística. No presente capítulo, irá discutir-se os resultados em função do referencial teórico.

No presente estudo verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível da autoestima e da ansiedade em função do sexo. Estes resultados sugerem que o género pode influenciar a construção daquilo que se considera passível de ser explorado para efeitos vocacionais. O estilo atribucional dos alunos parece favorecê-los em termos de uma melhor autoestima nas áreas académica e profissional, bem como uma maior persistência na realização de actividades difíceis, quando comparados com as alunas (Faria, 1997; Martini & Boruchovitch, 2004, *cit. In Faria et. al.*, 2008) Por outro lado, não se verificaram diferenças significativas em função do sexo relativamente à certeza vocacional e à indecisão vocacional. No que respeita à indecisão vocacional, os resultados vão, por sua vez, de encontro à literatura na área, que evidencia a ausência de diferenças estatisticamente significativas de indecisão vocacional em função do género (Faria *et al.*, 2008).

No que diz respeito à relação entre a autoestima e a certeza vocacional, a revisão da literatura indica que existe uma relação positiva e significativa; os alunos com maior autoestima e maiores expectativas de auto-eficácia, apresentam menos incertezas vocacionais. Para Santos (2005), os alunos mais indecisos eram aqueles que evidenciavam as mais baixas expectativas de auto-eficácia, relativamente à capacidade para concretizar com sucesso as tarefas relacionadas com o processo de indecisão vocacional.

Neste estudo verificou-se que existe uma relação positiva e significativa entre a identidade vocacional e a certeza vocacional, tendo-se confirmado a hipótese 3. À luz da literatura, de acordo com Taveira (2000), pode verificar-se que os sujeitos com menor dificuldade no processo de decisão vocacional, possuem um sentido mais objetivo de identidade pessoal e identidade vocacional. Também outras investigações (Hartman, 1985 e

Furtado, 2010 *cit. in* Santos, 2005) verificaram que a confusão de identidade vocacional associada a outros fatores, como a ansiedade, levava a uma maior indecisão vocacional. Ainda é de referir que os fatores sociais, culturais e económicos influenciam o desenvolvimento vocacional

De acordo com os resultados, constatou-se que a ansiedade, tal como esperado, relaciona-se negativamente com a certeza vocacional (hipótese 4). De acordo com Mendonça e Siess (1976), a ansiedade e a baixa capacidade de resolução de problemas constituem dois elementos importantes na emergência e manutenção da indecisão vocacional em estudantes universitários. Também para estes autores a ansiedade é inibidora do processo de decisão. Também relativamente às dificuldades no processo de decisão, Zingaro (1983, *cit. in* Santos, 2005) sustenta que os sujeitos que apresentam indecisão vocacional, apresentam também um nível elevado de ansiedade e outras características psicológicas negativas, o que pode resultar de um padrão familiar disfuncional. Segundo diversos trabalhos de investigação, os indivíduos indecisos foram caracterizados como ansiosos, com baixa autoestima, mais dogmáticos, e com menores médias de pontos nas avaliações escolares (Magalhães *et. al.*, 1998). É ainda de salientar que a revisão da literatura evidencia, de forma consistente, a relação entre ansiedade e indecisão vocacional, importando clarificar qual o papel que a ansiedade desempenha na manutenção das dificuldades no processo de escolha vocacional (Santos, 2005).

No que concerne à hipótese 5 – Prevê-se que as variáveis psicológicas sejam melhores preditores da certeza vocacional do que as variáveis sociodemográficas -, verificou-se no estudo que o primeiro modelo de variáveis (sexo, idade e nº de reprovações) não tem relevância estatisticamente significativa na explicação da variância da certeza vocacional. No entanto, quando se agrupam as variáveis sociodemográficas com as variáveis psicológicas, contacta-se um aumento do coeficiente de determinação ajustado. Segundo a revisão da literatura, os estudos revelam que as variáveis psicológicas apresentam maior influência na certeza vocacional, nomeadamente na autoestima e na ansiedade, tal como já foi referido anteriormente. As variáveis de personalidade constituem-se com uma dimensão onde se constata diferenças mais acentuadas entre indivíduos vocacionalmente decididos e indecisos, comparativamente com as variáveis sociodemográficas (Santos, 2005).

VI - Conclusões

O principal objectivo deste estudo foi analisar os factores determinantes no processo de indecisão vocacional em estudantes do 9º ano de escolaridade.

Considera-se pertinente investigar esta temática devido à existência de inúmeros alunos com indecisão vocacional, de forma a melhorar o seu percurso e escolhas académicas.

Relativamente aos resultados das hipóteses verificou-se que existem diferenças significativas ao nível da autoestima e ansiedade, em função do sexo. Já para a certeza e identidade vocacional, também em função do sexo não se verificam diferenças relevantes.

A investigação demonstrou que existe uma relação positiva entre a

autoestima e a certeza vocacional. No que concerne à relação entre a identidade e a certeza vocacional, os resultados permitiram concluir a existência de uma relação positiva e significativa entre ambas. Quanto à ansiedade e à certeza vocacional, o presente estudo concluiu que os alunos com maior nível de ansiedade tornam-se mais indecisos relativamente às escolhas vocacionais. Relativamente às variáveis psicológicas, foi possível inferir que se apresentavam como melhores preditores da certeza vocacional, em comparação com as variáveis sociodemográficas.

Salienta-se como principal limitação do estudo o número reduzido de variáveis estudadas, não abrangendo todos os intervenientes num processo de escolha vocacional. Esta limitação também se verificou no decorrer da revisão da literatura. Além disto, é ainda importante referir que o processo de decisão vocacional apresenta vários factores subjacentes, sendo que, a maioria dos estudos incide apenas sobre alguns, não tendo em conta a sua multidimensionalidade.

Outras importantes limitações prendem-se com o facto de a amostra do estudo ser de reduzido tamanho, não representativa da população que se pretende estudar, pois que foi uma amostra de conveniência, recolhida num número limitado de estabelecimentos de ensino.

Apesar da limitação referida, este estudo visa contribuir para uma melhor intervenção do psicólogo no processo de decisão vocacional, orientando de uma melhor forma os alunos e promovendo escolhas conscientes, com vista ao sucesso académico.

Atualmente, as mudanças processadas nos contextos familiares, profissionais e sociais justificam uma visão mais abrangente e sinérgica, ao nível da investigação e intervenção por parte do psicólogo, dos processos de exploração e indecisão vocacional. Pois que, um processo de decisão e escolhas vocacionais por parte do estudante, têm inerente, também, um processo de construção de identidade e processo normativo de desenvolvimento.

Como sugestões torna-se premente o desenvolvimento de novas escalas de avaliação da indecisão vocacional, para deste modo a intervenção do psicólogo, que desenvolve um trabalho de orientação vocacional, poder mais facilmente identificar as várias razões e abranger a complexidade das dimensões causais, que originam as dificuldades na escolha vocacional.

Bibliografia

- Borges, G.F. (2004). As variáveis familiares do desenvolvimento vocacional. Parentes pobres ou ricos? *Psychologica*, 263-271.
- Faria, L.C., Taveira, M.C. & Saavedra, L.M. (2008). Exploração e decisão de carreira numa transição escolar: diferenças individuais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9 (2), 17-30.
- Furtado, S. (2010). A indecisão vocacional. *Revista Peritia*, 1-3. Acedido a 15 Setembro de 2013 em http://www.revistaperitia.org/wp-content/uploads/2011/02/1.-Cr%C3%B3nica-de-15-Dez-10_Suzana-Furtado.pdf
- Giddens, A. (1999). *Runaway world*. Acedido a 22 de Novembro de 2013, em <http://www.public.iastate.edu/~carlos/607/readings/giddens.pdf>.
- Magalhães, M.O., Lassance, M.C.P. & Gomes, W.B. (1998). *Perspectiva experiencial da indecisão vocacional em adolescentes*. Rev. ABOP, 2 (1). Acedido Dezembro 8, 2013 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891998000100003
- Pinto, H.R. & Soares, M.C. (2001). Influência parental na carreira: evolução de perspectivas na teoria, na investigação e na prática. *Psychologica*, 26, 135-149
- Relvas, A. P. (2003). *Por detrás do espelho: Da teoria à prática com a família* (2a ed.). Coimbra: Quarteto.
- Santos, P. J., & Ferreira, J. A. (2004). Resultados preliminares da adaptação da Vocational Identity Scale. In Carla Machado, Leandro S. Almeida, Miguel Gonçalves & Vera Ramalho (Org.), *Avaliação psicológica: formas e contextos*, 10, 287-293. Braga: Psiquilíbrios.
- Santos, P.J.S.O. (2005). *Indecisão Vocacional e Indecisão Generalizada*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Santos, P. R. B. (2007). *A Relação das Vivências e Expectativas Académicas com o Abandono Escolar no Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In Ana Paula Noronha, Carla Machado, Leandro Almeida, Miguel Gonçalves, Sara Martins & Vera Ramalho (Org.), *Avaliação psicológica: formas e contextos*, 13 [CD-ROM]. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Santos, P.J. (2010). Adaptação e validação de uma versão portuguesa da vocational identity scale. *Revista Galego Portuguesa de Psicologia e*

Educación, 18 (1), 147-162.

Silva, J. T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica. In M.C. Taveira (Coord.), *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-124). Coimbra: Editorial Almedina.

Taveira, M. C. (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Taveira, M.C. (coord.) (2004). *Desenvolvimento Vocacional ao Longo da Vida*. Coimbra: Almedina.

Taveira, M.C. & Silva, J.T. (coord.) (2008). *Psicologia Vocacional – Perspectivas para a intervenção*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Vaz Serra, A. (1986). O Inventário Clínico de Auto-Conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7, 67-84.